
Turismo e Ética Ambiental¹

Adalton Almeida Santos²

Centro Universitário FIEO – UNIFIEO: Docente no Curso de Turismo e Hotelaria
Universidade Anhembi – Morumbi: Aluno do Mestrado em Hospitalidade

Resumo

O uso do meio natural por parte do ser humano sempre esteve pautado pela questão da sobrevivência, não acarretando em impactos profundos na natureza. Porém, nos últimos duzentos anos, esse quadro se alterou completamente com a degradação cada vez mais acelerada de áreas verdes ao redor do planeta. Neste contexto, fica cada vez mais evidente a necessidade de se utilizar os recursos naturais de maneira racional e consciente, apoiados em princípios da ética ambiental. Este trabalho tem como principal objetivo desenvolver uma reflexão sobre a maneira de como a ética ambiental se relaciona com a atividade turística, podendo ser um fator de estímulo para um uso mais racional e, conseqüentemente, menos impactante dos recursos naturais pelo turismo.

Palavras-chave

Turismo; ética ambiental; preservação e conservação.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Recursos Naturais e Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Ibero Americano; Especialista em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais pela Universidade Federal de Lavras; Mestrando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi – Morumbi; Docente nos cursos de Turismo e Hotelaria do Centro Universitário FIEO – UNIFIEO – Osasco/SP.

A relação do homem com o meio natural, nos dias de hoje, se baseia na exploração e utilização de recursos naturais para a constante alimentação da máquina chamada consumo. Porém, o uso do meio natural por parte do ser humano, em tempos passados, sempre esteve pautado pela questão da sobrevivência. Com o passar do tempo, o homem conseguiu criar meios que, gradativamente, foram criando condições mais favoráveis à sua sobrevivência (tais como a conquista do fogo, o desenvolvimento da agricultura e a invenção da roda). Entretanto, é somente no século XVIII que a relação do homem com a natureza ganha contornos de dominação da segunda pelo primeiro, devido ao início do processo denominado Revolução Industrial.

Segundo Hobsbawn (2001) a Revolução Industrial representou o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde o início do domínio das técnicas agrícolas e do advento das cidades. Porém, apesar de tamanha importância na história da humanidade, as repercussões dessa revolução não se fizeram sentir de uma maneira perceptível nas primeiras décadas de seu surgimento. Isso porque a revolução industrial:

“(...) não foi um episódio com um princípio e um fim. Não tem sentido perguntar quando se ‘completou’, pois sua essência foi a de que a mudança revolucionária se tornou norma desde então. Ela ainda prossegue; quando muito podemos perguntar quando as transformações econômicas chegaram longe o bastante para estabelecer uma economia substancialmente industrializada, capaz de produzir, em termos amplos, tudo que desejasse dentro dos limites das técnicas disponíveis, uma ‘economia industrial amadurecida’ para usarmos o termo técnico”. (HOBSBAWN, 2001, p. 45).

A partir da Revolução Industrial, temos a mudança definitiva da relação homem e natureza, quando, efetivamente, o primeiro passa a dominar (e a causar impactos altamente negativos) a segunda. Isso porque temos aí o princípio do sistema capitalista e o desenvolvimento do que se convencionou chamar sociedade de consumo, e a demanda por recursos naturais vai crescer à medida que esse modo de produção se desenvolve. Dentro desse quadro, a humanidade assume uma postura de superioridade frente ao meio natural. O desenvolvimento das ciências coloca o ambiente como um meio para se fomentar o que passou a ser chamado de “desenvolvimento e progresso” da sociedade. A natureza passa a ser um elemento dissociado da essência humana, apenas um fornecedor de matéria-prima para os novos modelos de sociedade que surgem a partir daí.

Esse quadro resultou na situação que se percebe nos dias de hoje, ou seja, a constante degradação do meio natural e a conseqüente ameaça da continuidade da vida na terra no médio e longo prazo. É nesse contexto que a ética, e a mais precisamente a ética ambiental, ganha força e assume grande importância na mudança de postura do homem com relação à natureza. Daí, todas as ações do processo produtivo devem ter suas atividades permeadas por princípios éticos com relação não só ao meio ambiental, mas também com relação ao bem estar da sociedade como um todo. Por isso a ética ambiental deve também ser inserida na atividade turística que, acima de tudo, também é uma atividade econômica, e como tal, provoca impactos negativos no meio natural.

Ética³

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, ética significa estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto. A partir dessa definição, pode-se entender ética, a grosso modo, como tudo aquilo que corresponde ao ato de realizar o que é certo em qualquer situação concreta da vida. Porém, como veremos, a questão que envolve a problemática da ética é muito mais complexa.

Durante toda sua vida, o homem se depara com situações/problemas que o obriga a tomar certas atitudes que podem ter reflexos na vida de uma ou mais pessoas, ou na vida de toda a comunidade. Situações do tipo: achei uma carteira na rua com dinheiro, devo devolver a carteira com o dinheiro, devo devolver somente a carteira com os documentos ou devo ficar com o dinheiro e entregar a carteira à polícia? Tenho um amigo que está traindo sua esposa, será que devo dizer a ela sobre a traição ou será que devo ignorar este fato em nome de minha amizade com ele?

Com relação a todos estes fatos, nos deparamos com situações concretas, reais, entre indivíduos. Então, os indivíduos se defrontam com a necessidade de pautar o seu comportamento por normas que julgam mais dignas ou mais apropriadas de serem cumpridas. Deve-se notar que essas normas são aceitas e reconhecidas como

³ Cabe ressaltar que o objetivo deste subitem é fazer uma discussão teórica a respeito da ética e da moral e sua aplicabilidade no campo ambiental e do turismo, sem proceder uma discussão com relação às doutrinas éticas.

obrigatórias e, de acordo com elas, as pessoas compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Nestes casos, pode-se dizer que o homem age moralmente. (Vázquez, 2002).

Esse comportamento, resultante de uma decisão refletida e pensada, também é julgado pelos outros indivíduos, que por sua vez também o fazem de acordo com normas estabelecidas e formulam juízos levando todos estes fatores em consideração. Este tipo de comportamento é característico tanto dos indivíduos quanto dos grupos sociais de ontem e de hoje. E esse comportamento prático-moral acaba sendo alvo de reflexão por parte do homem.

Os homens enfrentam determinados problemas nas suas relações, tomam decisões e tomam certas atitudes para resolvê-los, e também julgam e avaliam de uma ou de outra maneira estas decisões e estes atos (ou seja, agem moralmente). Além disso, refletem sobre esse comportamento prático e o tomam como objeto de seu pensamento. Dessa forma, percebe-se a passagem do plano da prática moral para o da teoria moral. “Quando se verifica esta passagem, que coincide com o início do pensamento filosófico, já estamos propriamente na esfera dos problemas teórico-morais ou éticos.” (Vázquez, 2002, p. 17)

Os problemas éticos são caracterizados pela sua generalidade, diferentemente dos problemas prático-morais. Portanto, um indivíduo não poderá recorrer à ética com a esperança de encontrar nela uma norma de ação para cada situação concreta. A ética poderá auxiliá-lo no que diz respeito ao esclarecimento do que é um comportamento pautado por normas. O problema do que fazer em cada situação concreta é um problema prático-moral e não teórico-ético. Assim, a definição do que é o bom e o correto não é um problema moral cuja solução caiba ao indivíduo em cada caso particular, mas um problema geral de caráter teórico, que fica sob competência e responsabilidade do investigador da moral. Porém, cabe ressaltar que essa investigação teórica não deixa de ter conseqüências práticas porque, ao se definir o que é o bom, se está traçando um caminho geral que poderá orientar a conduta dos homens nas diversas situações particulares, podendo, neste caso, a teoria influir no comportamento moral-prático.

Como já foi dito antes, os problemas éticos caracterizam-se pela sua generalidade e isto os distingue dos problemas morais da vida cotidiana, que são os que se apresentam nas situações concretas. Porém, desde que a solução dada aos primeiros influi na moral vivida, a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma

de comportamento moral. Segundo Vazquez (2002, p. 20) “(...) esta caracterização da ética como disciplina normativa pode levar a esquecer seu caráter propriamente teórico. O ético transforma-se assim numa espécie de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade”. Mas não se pode esquecer da função fundamental da ética (que é a mesma de toda teoria): explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. O valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas.

À ética cabe explicar o comportamento humano, tomando a prática moral da humanidade como objeto de sua reflexão. Não lhe cabe a formulação de juízos de valor sobre a prática moral de outras sociedades, tudo isso em nome de uma moral absoluta e universal. A ética deve explicar a razão de ser desta pluralidade e das mudanças de moral ao longo do tempo.

Diante de tudo isso, cabe esclarecer que, assim como os problemas teóricos morais não se identificam com os problemas práticos, também não se pode confundir a ética e a moral. Deve-se esclarecer que a ética não cria a moral. Para tornar isso mais claro, é emblemática a definição de Vazquez: “A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”. (VAZQUEZ, 2002, p. 23)

De acordo com essa definição, percebe-se que a ética tem como objeto o setor da realidade humana que chamamos de moral, constituído por um conjunto peculiar de fatos ou atos humanos. A ética é a ciência da moral, suas proposições devem ter o mesmo rigor, a mesma coerência e a mesma fundamentação das proposições científicas. Portanto, pode-se falar a respeito de uma ética científica, porém não se pode falar em uma moral científica, mas pode-se dizer que existe um conhecimento da moral que pode ser científico.

Apesar disso, uma ética científica pressupõe necessariamente uma concepção filosófica e racionalista do mundo e do homem. Sendo assim, a ética científica deve apoiar-se numa filosofia estreitamente relacionada com as ciências. Então, a ética nunca pode deixar de ter como fundamento a concepção filosófica do homem, que possibilita uma visão total deste como ser social, histórico e criador.

Diante do exposto, pode-se dizer que a ética e a moral podem ser sentidas em todas as esferas da vida, sendo importantes na medida em que podem proporcionar

práticas e nos convidar a uma reflexão a respeito dos atos que tomamos nas mais diferentes ocasiões. Sendo assim, fica evidente o quão importante se torna o estudo dessa área do conhecimento.

Ética Ambiental

Após a discussão dos princípios da ética, partimos agora para uma exposição de pontos importantes a respeito da ética ambiental. Este tipo de ética se apresenta de uma maneira muito mais pontual e específica do que a ética pura e simples, como uma teoria. Isso porque quando se fala em meio ambiente, e na sua conseqüente preservação e conservação, não dispomos de muitas possibilidades com relação à atuação do homem sobre a natureza, já que o homem pode assumir dois papéis distintos na sua relação com o meio natural: ou o homem adota a postura de grande causador de impactos negativos ou ele se transforma em um agente de transformação nas relações entre a humanidade e a natureza com vistas a possibilitar a continuidade da vida no planeta.

Por isso, quando se fala em ética ambiental, se fala muito mais em uma ética normativa do que em uma teoria ética. De acordo com Vazquez

“Argumenta-se que esta [teoria ética] não elabora proposições objetivamente válidas, mas juízos de valor ou normas que não podem pretender essa validade. Mas, como já assinalamos, isso se aplica a um tipo determinado de ética – a normativa – que se atribui a função fundamental de fazer recomendações e formular uma série de normas e prescrições morais; mas esta objeção não atinge a teoria ética, que pretende explicar a natureza, fundamentos e condições da moral, relacionando-a com as necessidades sociais do homem.” (Vazquez, 2002, p. 25)

Então, a ética ambiental, por se restringir apenas ao campo das relações do homem com a natureza, pode se ocupar com a função de fazer recomendações e formular normas para a atuação do homem sobre o meio natural.

Se hoje se observa uma discussão em torno de quais atitudes devemos ter perante o meio ambiente, é porque a humanidade já vem, desde os últimos dois séculos, tendo uma postura predatória com relação à natureza.

Para se entender qual é a necessidade real do surgimento de uma ética ambiental, é preciso entender o que está ocasionando essa necessidade. Desde a revolução industrial (1780 – 1840), todas as relações existentes entre os homens e entre os homens e a natureza se modificaram. Isso porque, com o advento do desenvolvimento técnico-científico, a postura do homem com relação ao meio natural mudou radicalmente. A

natureza passou a ser vista apenas como um meio que possibilitaria ao que se chamava de desenvolvimento da humanidade. Além disso, depois das novas formas de produção, o meio ambiente passou a ocupar uma posição de mero fornecedor de matéria-prima para saciar o processo de consumo iniciado desde então.

A partir daí, vivemos em um mundo onde o lema mais utilizado é o do “consumir é preciso”. Porém, apenas uma pequena parcela da população tem condições de ser inserida nesse processo, enquanto grande parte da população mundial não tem acesso sequer à alimentação nem ao saneamento básico. Em meio a tudo isso, o motor do consumo se acelera e exige, cada vez mais, uma quantidade maior de recursos naturais para que a grande engrenagem do capitalismo continue a girar e a impactar as áreas naturais, causando prejuízos a todos os habitantes da terra. E esse processo tem se observado desde o século XIX até os dias de hoje.

Segundo Rodrigues (1990), é possível identificar quatro fases na relação do homem com a natureza. A primeira fase observada é a do caçador-coletor, que teve início há mais ou menos trinta e cinco mil anos, com o homem de *Cro-Magnon*. O homem utilizava, nesse período, instrumentos e ferramentas de pedra lascada, vivendo em bandos nômades que acompanhavam os rebanhos de caça. Nesta fase, o impacto do homem sobre a natureza pode ser considerado nulo. O segundo período identificado é o de agricultura de subsistência e pastoreio, que se iniciou há aproximadamente dez mil anos. Nessa época, o homem domesticou espécies de plantas e de animais que lhe convinham, aumentando dessa forma sua eficiência em utilizar biomassa do ambiente, retirando um pouco mais de recursos naturais da natureza, mas sem ocasionar impactos. A terceira fase pode ser caracterizada pela urbanização, que teve início por volta do ano 3.500 antes de Cristo. Durante este período, que vai até a revolução industrial, a humanidade passa a retirar do meio natural também recursos não-renováveis, como os minerais. Nessa época, o impacto causado pelo homem sobre o meio ambiente é cerca de quinhentas vezes maior do que a primeira fase. O quarto e último período é caracterizado pela tecnologia moderna, que teve seu início marcado pela revolução industrial e que vai até os dias atuais. Neste período, não apenas o impacto causado no meio natural será infinitamente maior, mas também outras características marcantes passam a ser sentidas. Dentre elas, podemos citar o aumento significativo da população mundial.

Percebe-se, então, que o processo de dominação e destruição da natureza por parte do homem se intensificou a partir do século XIX, e o impacto desse período é cerca de dez mil vezes maior do que os períodos anteriores. Isso sem contar ainda com os automóveis e com a luz elétrica.

Dessa forma, pode-se dizer que chegamos hoje a uma situação crítica com relação às condições do meio ambiente, fundamental para a continuidade da vida no planeta. O processo industrialista dos dois últimos séculos ameaça seriamente o equilíbrio do planeta, que levou bilhões de anos para se configurar. Desde o começo da industrialização, a população mundial cresceu oito vezes, aumentando a necessidade de consumo cada vez maior dos recursos naturais. O agravamento deste quadro com a mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro do planeta. (Boff, 1999)

O planeta está dando sinais de saturação, e a desertificação de algumas áreas, o efeito estufa e a inconstância das chuvas são alguns dos indicativos de que muita coisa não vai bem. E esses indicativos acabam influenciando de maneira decisiva na vida de todo habitante do planeta Terra. Isso porque a desertificação diminui áreas verdes e locais em que a agricultura poderia se desenvolver, o efeito estufa causa mudanças nas temperaturas médias ocasionando mudanças no microclima, além de que a ausência de chuvas significa escassez de um elemento essencial da vida. Portanto, a mudança de postura do homem com relação ao meio natural se configura como uma necessidade e como um fator indispensável para a continuação da vida.

A principal arma que se tem hoje para tentar modificar esse quadro é a disseminação de uma consciência ecológica, que se configura no início do desenvolvimento de uma ética ambiental. Essa conscientização se faz necessária e assume o papel mais importante no processo de mudança de postura do homem para com a natureza. Segundo Nalini (2001), um ordenamento normativo bem elaborado pouco produzirá em termos de preservação e conservação se não houver eficiente conscientização da comunidade. Uma postura eticamente comprometida poderá oferecer resistência à estupidez que move o mundo e, conseqüentemente, destrói a natureza.

Além disso, outro ponto importante na questão da ética ambiental é que todos devem desenvolvê-la também por questões econômicas, isso porque é mais econômico ser ético. Isso fica mais evidente quando questões como essas são feitas: Qual é o custo

do tratamento de doenças geradas pela poluição do ar? Quanto custa o tratamento de vítimas de doenças transmitidas pela água poluída? Inúmeras outras questões como essas poderiam ser feitas, mas o que mais importa é que, a partir delas, se percebe que o custo dos prejuízos ocasionados por danos ambientais é muito maior do que o gasto necessário para a prevenção destes danos. (Nalini, 2001)

Esse é o ponto que deve ser mais levado em consideração quando se fala na propagação de novos valores ambientais, o benefício econômico que todos vão ter com estes atos. Isso não quer dizer que nossa postura seja totalmente tecnocrata e só voltada para a questão econômica e financeira do assunto. Essa postura de valorização da questão econômica busca apenas a efetiva realização de ações que trarão mudanças realmente significativas no campo das relações homem x natureza, e o início de um possível processo de respeito e consciência de que o primeiro não pode sobreviver sem a segunda.

Ética Ambiental e Turismo

A relação existente entre turismo e ética ambiental se mostra de maneira bem clara e precisa. Isso porque o turismo se utiliza do meio natural para se desenvolver, e partir daí, se torna em um agente transformador desse meio, tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa.

Como já foi dito, o turismo exerce tanto influências benéficas quanto maléficas sobre os ambientes, afetando os recursos naturais de forma contraditória. Ele pode degradar irreversivelmente as atrações que o justificaram e o atraíram, destruindo recursos naturais, poluindo praias, desmatando florestas, dentre outros impactos negativos. Mas por outro lado, o turismo pode proteger o meio uma vez que estimula o interesse da população e autoridades locais para a apreciação do valor do ambiente e pode introduzir medidas para a sua proteção, gerenciamento e melhoria, financiados pelos recursos provenientes do próprio turismo.

Cabe ressaltar que a atividade turística está intimamente relacionada com o transporte e a acomodação de pessoas em certos espaços físicos do território, exigindo o desenvolvimento de vias de acesso às zonas de atração turística e de infra-estrutura que permita a permanência do visitante no lugar (Cruz, 2001). Porém, não existe atividade humana que não interfira de alguma forma nos ambientes, é impossível o homem

sobreviver neste planeta sem transformá-lo. Assim como nem todo impacto sobre os ambientes naturais é negativo.

A relação do turismo com o meio natural é de dependência do primeiro com relação ao segundo. Isso porque a natureza se constitui como uma das principais estruturas sobre as quais está apoiada a atividade turística, por isso a degradação do ambiente não interessa ao turismo porque este tem o espaço como principal objeto de consumo. A degradação do meio natural vai de encontro à lógica de reprodução da atividade. Por isso, o turismo possui grande interesse na preservação e conservação da natureza, inclusive como premissa básica para a continuidade dessa atividade.

Sendo assim, a relação entre turismo e ética ambiental se torna extremamente estreita. A atividade turística possui forte interesse na propagação de valores éticos referentes ao meio natural, pois dessa forma a atividade tem mais um aliado no processo de continuidade da mesma. Podemos perceber, inclusive, que o turismo, quando planejado de forma consciente e com valores ambientais de preservação e conservação, pode criar instrumentos de auxílio na proteção do meio ambiente.

Isso acontece com o chamado ecoturismo (ou turismo ecológico), pois essa modalidade de turismo se diferencia bastante do chamado turismo de massas, geralmente grande causador de impactos negativos no ambiente. As características do ecoturismo são totalmente distintas do turismo convencional (ou de massas), desde o propósito da viagem até os equipamentos utilizados na atividade. Como exemplo podemos citar algumas diferenças entre as necessidades dessas duas modalidades de turismo. Enquanto o turismo de massa exige uma infra-estrutura muito mais elaborada, com equipamentos como aeroportos, energia elétrica, telefonia, hotéis, *resorts*, a atividade ecoturística não exige grandes equipamentos de infra-estrutura, e quando os exige, geralmente tem uma menor concentração espacial. Além disso, o ecoturismo possui como característica marcante o número reduzido de visitantes nas localidades em que ele se faz presente. O próprio número reduzido de equipamentos hoteleiros/extra-hoteleiros funciona como regulador do fluxo turístico para essas localidades. (Cruz, 2001)

Portanto, a atividade turística tem como uma de suas premissas, mesmo de maneira implícita, a proteção do meio natural para a continuação da atividade. Sendo assim, a ética ambiental pode se utilizar do turismo como um instrumento de difusão e assimilação de seus princípios. E isso pode ser feito com uma ação de conscientização

junto aos praticantes da atividade turística. É uma das ferramentas que podem ser extremamente funcionais nesse processo é a educação ambiental. Pois o despertar de uma consciência ético-ambiental nas pessoas é uma tarefa que requer tempo e meios propícios para tanto. Então, enquanto o ser humano não abandonar a visão de que ele não faz parte da natureza, dificilmente as ações com vistas à difusão e assimilação de uma ética ambiental correm o risco de não obter resultados. Dessa forma, é preciso primeiro semear o terreno, demonstrando o quanto o ser humano depende da natureza para sobreviver, para depois efetuar a plantação de uma consciência ecológica e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma ética ambiental realmente perceptível.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Margaritta. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas: Papyrus, 1997.
- BOFF, Leonardo. Princípio – Terra: a volta à Terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Saber cuidar: ética do humano. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CRUZ, Rita de Cássia. Introdução à geografia do turismo. São Paulo: Roca, 2001.
- DISKIN, Lia. Ética, valores humanos e transformação. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- GIL, Izabel Castanha e MORANDI, Sônia. Espaço e turismo. São Paulo: Copidart, 2002.
- HOBBSAWN, Eric J. A era das revoluções. São Paulo: Paz e Terra, 15ª ed., 2001.
- MOLINA, Sérgio. Turismo e ecologia. Bauru: EDUSC, 2001.
- NALINI, José Renato. Ética ambiental. Campinas: Millenium, 2001.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Anuário Estatístico, 2003.
- RODRIGUES, Sérgio de Almeida. Destruição e equilíbrio. São Paulo: Atual Editora, 1989.
- SINGER, Peter. Ética Prática. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOUSA, Herbert José de. Ética e cidadania. São Paulo: Moderna, 1997.
- SWARBROOKE, John. Turismo sustentável. São Paulo: Aleph, 2000.
- TORRE, Oscar de la. El turismo, fenómeno social. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. Turismo básico. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.